

# 'Espetáculo do crescimento' vai atrasar

O secretário de Política Econômica, Marcos Lisboa, avisa: Queda das taxas de juros, sozinha, não garante retomada

EDNA SIMÃO

BRASÍLIA – O nível de atividade econômica só voltará a crescer a partir do fim do terceiro trimestre do ano ou no decorrer do quarto trimestre, afirmou ontem o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Marcos Lisboa. O desempenho "mais enfático" da economia, a partir dos últimos três meses do ano, deverá influenciar a previsão de crescimento de 3,5% para 2004. Lisboa explicou que a estimativa de avanço do país em 2004 poderá se tornar conservadora por conta da base de comparação deprimida nos três primeiros trimestres de 2003.

– O nível de atividade deve se recuperar naturalmente até o fim do ano, em função da melhoria das condições macroeconômicas, que permitem a trajetória de queda sustentável da taxa de juros – preconizou Lisboa, ao divulgar ontem o Boletim de Conjuntura Econômica.

O secretário acrescentou que "não há número mágico" para a retomada do nível de atividade (referindo-se a prazos).

Para o secretário, a queda

da inflação, a redução das volatilidades, a retomada das linhas de financiamento externo das empresas e o recuo da taxa de juros futuros de seis meses são pontos fundamentais para a retomada do nível de atividade do país. O crescimento econômico sustentável e de longo prazo, observou, é um processo mais lento. Muitas vezes, não está relacionado ao nível de atividade.

– É bom separar a recuperação do nível de atividade do crescimento. Nível de atividade

**Ano perdido pode gerar efeito estatístico de expansão em 2004**

de é recuperação de consumo, reposição de estoques. O que aconteceu muito no passado, em função de choques. Crescimento é expandir a capacidade de oferta da economia, gerar renda e emprego no futuro – afirmou.

Segundo o secretário, o governo já adotou medidas (como o programa do microcrédito e a liberação dos saldos corrigidos do FGTS) e está estudando outras (possibilidade de utilização da folha de pagamento, como garantia de empréstimos), que poderão ter efeitos sobre a demanda agregada quando associadas ao aumento da confiança do consumidor.

O Boletim de Conjuntura Econômica mostra que a redução da taxa básica de juros (Selic) do país, de 26,5% para 26% ao ano em junho, não é garantia para a retomada rápida dos investimentos, fundamentais para o crescimento econômico.

Segundo Lisboa, há duas décadas os investimentos públicos e privados represen-

tam menos de 20% do Produto Interno Bruto (PIB). A ideia do governo Lula é tentar elevar esse número para algo em torno de 24%.

A volta do crescimento industrial, de forma sustentável, requer mudanças profundas, vinculadas à reforma tributária, ao aprimoramento do marco regulatório de diversos setores-chave, como energia e tele-

comunicações, e a revisão do arcabouço legal referente à concessão de crédito. Além disso, de acordo com Lisboa, é essencial a aprovação das reformas da Previdência e tributária, que permitirão reduzir os custos e estimular a efetiva implementação dos planos de investimentos.

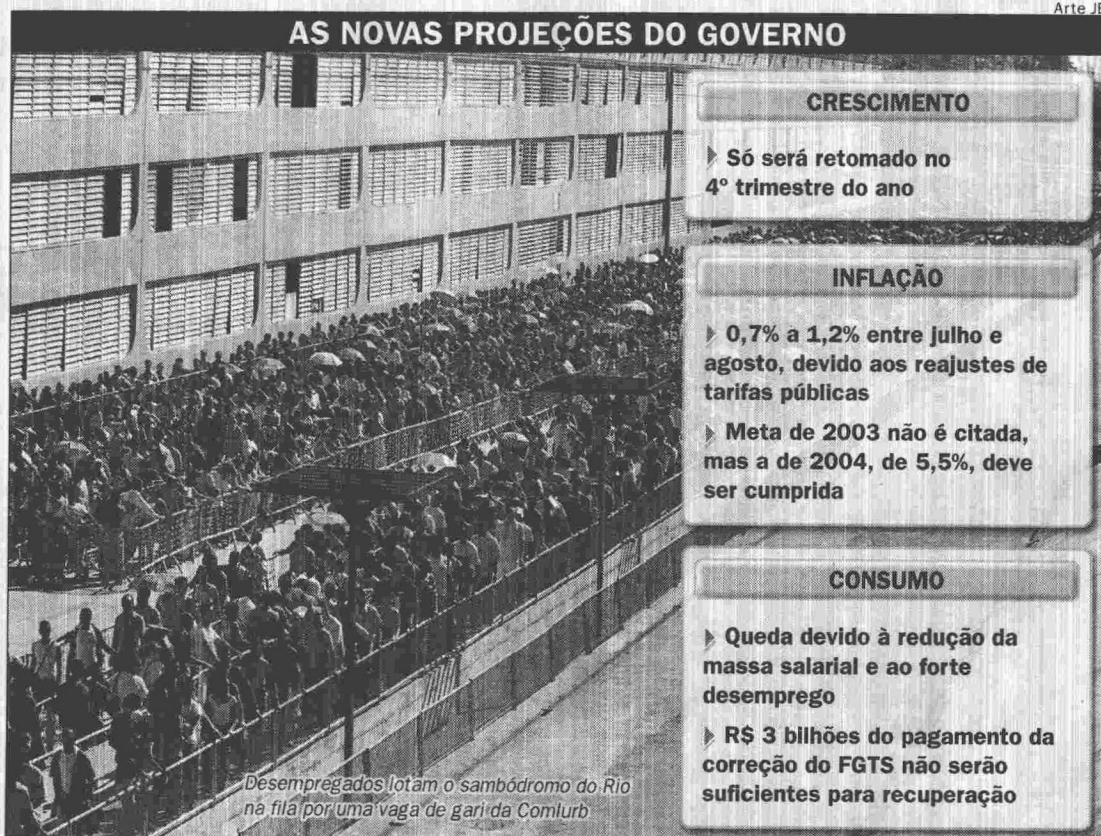
O documento divulgado pelo Ministério da Fazenda

informa ainda que o aumento dos investimentos e a manutenção do ritmo das exportações permitirão elevar a renda e o emprego, ampliando o consumo doméstico.

– O crescimento de longo prazo é um processo mais lento e mexe com toda a discussão que o governo tem tido na retomada de investimento de infra-estrutura, que é essencial. Dada a restrição fiscal, construir novas formas de parcerias públicas privadas é fator fundamental para garantir a retomada do nível de atividade, a queda dos juros, e a retomada do investimento – observou Lisboa.

O secretário disse que o governo obteve melhora em indicadores econômicos por conta da agilidade no encaminhamento das reformas. Lisboa afirmou que os índices de inflação estão caindo com mais rapidez agora. Segundo o Boletim de Conjuntura Econômica, a maioria dos índices de preços ao consumidor deve se situar entre 0,7% e 1,2% em julho e agosto, com pico de alta neste mês.

– A inflação atrapalha a atividade e causa volatilidade em outras variáveis macroeconômicas – afirmou Lisboa.



Fonte: Boletim de Conjuntura Econômica do Ministério da Fazenda

esimao@jb.com.br